

DO SILÊNCIO À POTENCIALIZAÇÃO DA VOZ DO ALUNO: UMA EXPERIÊNCIA COM O GÊNERO DIÁRIO PESSOAL¹

Aluizia Pessoa Araújo²
Fernanda Laís Barros Silva³
Damares do Nascimento Fernandes Costa⁴
Tatiana Fernandes Sant'ana⁵

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se deu a partir da ministração das aulas de Língua Portuguesa, desenvolvidas no Projeto Residência Pedagógica – subprojeto do curso de Letras/Português –, ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Campus I, em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), visando a uma aproximação entre escola e universidade e, conseqüentemente, a experiência com o ensino básico. A regência ocorreu na E. E. E. F. M. Francisco Ernesto de Rêgo, localizada em Queimadas – PB, no turno da manhã, às segundas e às quartas-feiras do corrente ano de 2019.

Durante o exercício da regência na escola campo, foi possível observarmos, através da aplicação de uma sequência didática (SD), apoiada no modelo sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a dificuldade que a maioria dos alunos teve em se posicionar oralmente nas discussões em sala de aula. O simples fato de defender e expressar suas opiniões pessoais causava desconforto nos discentes e era bastante comum ouvirmos declarações, tais como: “eu não sei me explicar direito” ou “não conseguimos justificar a resposta, isso é muito difícil”. Justificativas como essas, nas atividades orais e escritas, foram bastante recorrentes em nossas aulas iniciais, por isso, optamos por fazer esse trabalho, contemplando essa abordagem.

Para estimular a exposição de ideias dos alunos em sala, escolhemos como *corpus* de pesquisa a produção do gênero diário pessoal, tendo em vista que ele não requer grandes

¹ Este trabalho faz parte do Programa Residência Pedagógica (2018-2019) / UEPB/Campus I/ Letras –Português e possui como agência de fomento a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

² Bolsista Residente, graduanda em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: aluiziaaraujo07@gmail.com;

³ Bolsista Residente, graduanda em Letras – Português pela Universidade Estadual da Paraíba. Email: fernandaghtz@gmail.com;

⁴ Preceptora do Subprojeto, professora da escola E. E. E. F. M. Francisco Ernesto do Rêgo, Mestre em Literatura e Interculturalidade, UEPB. Email: dnfernandescosta@gmail.com;

⁵ Coordenadora do Subprojeto, professora da UEPB/Campus I, Doutora em Linguística Aplicada. Email: tatianasanta@gmail.com

particularidades em sua estrutura, além de estimular, com a prática, reflexões sobre um tema ou situação (REICHMANN, 2009). Julgamos prudente solicitar tal produção, ao trabalharmos com a temática da vida e da obra do cantor e compositor Jackson do Pandeiro, incluindo o perfil da mulher apresentada em suas músicas, as questões socioculturais do seu meio produtivo e sua influência para a cultura popular nordestina, requerido no planejamento anual da escola.

De início, acreditamos na hipótese de que, gradativamente, os alunos passassem a se sentir mais confortáveis a darem suas opiniões e expressarem seus conhecimentos, à medida que, por um lado, tivessem mais informações sobre a temática e, por outro, pudessem expor, no gênero citado, suas impressões sobre aquilo que estava sendo trabalhado. Em outras palavras, o trabalho com a escrita, sobretudo nesse gênero em específico, atendia ao critério de dar voz e proporcionar meios para que eles fossem efetivamente ouvidos articulando escrita e posicionamento crítico, conforme defende Freire (2009).

Na contemporaneidade, fez-nos necessário repensar os métodos utilizados em sala de aula e rever o papel do professor e do aluno. Portanto, acreditamos ser crucial abandonar a visão do professor como protagonista central da sala de aula, uma vez que esse espaço de aprendizado deve ser um local de troca de conhecimentos ou, como sugere Rovira (2004, p. 83), um lugar para “inculcar em seus alunos confiança neles mesmos, deve lhes dar um vivo sentimento de valor, de capacidade”, no qual o aluno também deve ter vez e voz.

Por meio desta pesquisa, ensejamos refletir sobre o protagonismo do aluno na sala de aula, ao produzir diários pessoais;

ETAPAS PERPASSADAS

A partir da pesquisa de campo e da análise do *corpus*, objetivamos por meio da pesquisa exploratória/explicativa justificar e compreender os fatores que contribuem para o silenciamento do alunado da educação básica, especificamente nas aulas de Língua Portuguesa da escola campo, através de uma abordagem qualitativa, que visa à análise dos dados à luz de um olhar reflexivo. Com isso, utilizamos as técnicas da documentação, conforme Severino (2007), caracterizada por procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. A aplicação da sequência didática (SD), em oito encontros em uma turma do 2º ano do ensino médio, no turno da manhã, sobre o centenário de Jackson do

Pandeiro, proporcionou de início uma roda de conversas sobre demasiados temas encontrados nas músicas e na biografia do autor nordestino.

No primeiro e segundo encontros, trabalhamos as principais temáticas tais como: os principais sucessos do cantor Jakson do Pandeiro, a figura feminina em certas composições e o contexto sociocultural em que foram produzidas, como também, o legado que deixou para a cultura popular Brasileira. No terceiro e quarto, analisamos atentamente exemplos do gênero diário, suas características e particularidades. No quinto, solicitamos a primeira versão de escrita, e, no sexto, entregamos a primeira versão corrigida, debatemos os “desvios” mais recorrentes em todas as produções, parabenizamos os acertos e discutimos sobre a importância da reescrita. Nos dois últimos encontros, os alunos fizeram a reescrita e também devolvemos a segunda versão corrigida, realizando um debate sobre a experiência deles com a temática, com a escrita do gênero e incentivamos a leitura de alguns diários entre a turma.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No decorrer das aulas ministradas na escola, observamos que os alunos ainda se sentiam retraídos para verbalizar suas opiniões quando questionados, embora já tivéssemos construído certa familiaridade na relação com as professoras. As tentativas de dialogar com o conteúdo, a partir de seus conhecimentos prévios, resultavam em alegações tais como: “eu não sei”. Corroborando com Ferrarezi (2014, p. 11), que critica o “silêncio da boca do aluno que nunca aprendeu a falar”, consideramos que esse “não saber”, pode ser provocado muitas vezes pelo não querer pensar - ou não ter sido ensinado a pensar ou a aprender desde a base escolar -. Isso é uma das manifestações desse silenciamento.

Dando continuidade à SD, estimulamos uma discussão sobre a questão da mulher e o papel primordial da mãe do artista paraibano, um debate sociocultural compreendendo o contexto em que foram produzidas as músicas e os grandes paradigmas rompidos pelo cantor em relação à cultura nordestina. Após esse processo de transição de aluno ouvinte para aluno protagonista, solicitamos a primeira versão de escrita do gênero diário. Para isso, passadas quatro aulas, solicitamos que os alunos produzissem um diário individualmente em seus cadernos, tomando por base os modelos estudados no Livro Didático e trechos do livro *O diário de Anne Frank*. Posteriormente, partimos para as discussões sobre essas versões iniciais.

Priorizamos as características e estrutura do gênero, a partir das principais dificuldades identificadas nas produções.

A primeira versão apenas confirmou nossa hipótese em relação à dificuldade de expressão e posicionamento de ideias, advindas, provavelmente, de anos de silenciamento no âmbito escolar, ou seja, a pouca oportunidade que provavelmente eles tiveram em expressar suas ideias e defender suas opiniões, como podemos observar no fragmento do aluno Léo (nome fictício) a seguir:

Jackson teve uma infância muito difícil, teve a perda de pessoas que foram muito importante para a sua carreira. Foi um homem que teve grandes mulheres e em suas respectivas músicas (Jack) como também era conhecido, homenageia cada mulher deste país principalmente sua mãe (Flora Maria da Conceição ou Flora Mourão) com suas músicas. (Trecho da primeira versão do diário do aluno Léo)

Com a leitura, é visível percebermos que nessa produção a parte menos atendida do gênero era justamente as impressões sobre Jackson. Nas demais produções, havia apenas relatos e narrativas, mas não intercaladas com críticas e/ou opiniões. Assim, reservamos uma aula para retornar ao gênero e explicar a importância da reescrita, enquanto a primeira versão foi devolvida com perguntas e comentários que conduziam a reflexão dessa falta de posicionamento, além de abrirmos espaço para orientações individuais.

Na segunda versão, já foi possível percebermos que o relato não estava centralizado, havia a inserção de comentários acerca dos acontecimentos, críticas a respeito de algo que eles não gostaram e, conseqüentemente, foi possível notarmos a voz de cada um, conhecê-los em suas individualidades:

O artista [...] teve grande importância para nós paraibanos, pois era um grande representante da música, tocava diferentes estilos musicais em diferentes instrumentos, um dos ritmos que eu mais gosto e me identifico é o tradicional forró.” (Trecho da segunda versão do diário do aluno Léo) (GRIFOS NOSSOS)

Como podemos visualizar, há um avanço significativo na escrita do aluno da primeira versão para a segunda. Isso nos leva a acreditar que essa abordagem de criar meios para que o aluno se expresse, contribui na sua própria formação enquanto sujeito crítico, mostrando ao aluno que sua voz é importante para a aula, para o professor, para a disciplina e para a escola.

A inserção dessas estratégias como forma de desvincular o estudante dos moldes de um sujeito passivo e ajudar na construção de um sujeito crítico, condiz com as orientações ao componente de Língua Portuguesa Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018, p.65, 66),

que assegura ser uma das responsabilidades dessa disciplina “proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação [...] significativa e crítica nas diversas práticas sociais”. Ou seja, o aluno que está inserido em um ambiente interativo, está sendo preparado para lidar em diversas esferas sociais fora da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos fatos analisados, podemos concluir que nem sempre os alunos têm espaço durante as aulas para dialogar, interagir e mostrar seus conhecimentos e opiniões. Quando estes se encontram em aulas mais interativas, que recorrem ao debate, que exigem que eles se imponham, estes se tornam silenciosos, estáticos e estranham que suas impressões sejam algo extremamente importante para as aulas e para eles próprios.

Embora esse panorama de silenciamento do aluno seja algo que já vem sendo discutido, refletido e mudado há algumas décadas, a partir de estudos progressistas, por exemplo, e tantos outros, ainda percebemos o “eco” desse silêncio profundo, do não dizer e, conseqüentemente, do não saber. Esse silenciamento acontece de diversas formas: é resposta desconsiderada, porque não está de acordo com o que foi solicitado, é a falta de espaço durante as aulas para que a comunicação entre aluno e professor seja estabelecida, é a visão de que o aluno deve sentar e ouvir enquanto o docente despeja conteúdos sem a chance de diálogo, dentre outras. Ou seja, são diversos fatores que contribuem para que os alunos se sintam sem voz alguma, sem o direito de argumentar e explicar suas visões, tendo como consequência os seus discursos reprimidos.

Portanto, cabe ao professor, enquanto mediador da construção do conhecimento e na formação do aluno enquanto cidadão, assumir uma postura interacionista e se utilizar de ferramentas didáticas que proporcionem a sua disciplina realizar práticas pedagógicas que colaborem para o desenvolvimento da aprendizagem do educando e criem um espaço potencializador para esses alunos que não estão habituados à figura deles enquanto centro, enquanto protagonistas.

Palavras-chave: aluno, silenciamento, voz, escrita, protagonismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, 2018.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In.: DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. e orgs. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

FERRAREZI Jr, Celso. **Pedagogia do silenciamento**: a escola brasileira e o ensino de língua materna. 1ª ed -São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

REICHMANN, C.L. Ensinar, escrever, refazer (-se): um olhar sobre narrativas sobre narrativas docentes e identidade. In.: PEREIRA, Regina Celi e ROCA, Pilar. **Linguística Aplicada**: um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009, p. 69-85.

ROVIRA, José Maria Puig. **Educação em Valores e Fracasso Escolar**. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004, p 83.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.